VII Semana de Letras Língua Portuguesa e Literaturas
LINGUAGENS, SABERES E DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA
17 A 19 DE SETEMBRO DE 2025
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – CAMPUS VI / CAETITÉ

NEM ALUNO, NEM PROFESSOR: RELATO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Gabriel Neves Pereira[1]
Aparecida de Fátima Brasileiro [2]

[1]Universidade do Estado da Bahia, gabrieln.pereira14@gmail.com
[2] Universidade do Estado da Bahia, abrasileiro@uneb.br

Palavras-chave: Estágio; Estagiário; Indisciplina; Identidade.

INTRODUÇÃO

Toda formação acadêmica é continuada. Os estudantes e professores, dessa maneira, devem se atualizar, seja para o mercado de trabalho, seja para se qualificar na produção científica. Especialmente na graduação, esses opostos se confundem; é necessário que seja pesquisador, à medida que se prepara para o profissionalismo; e que seja professor, enquanto ainda se é aluno. Durante o estágio supervisionado, essa dialética se amplifica. Se é professor ainda sendo aluno, e, sendo uma metamorfose de ambos, respondemos às obrigações de quem avaliamos, no espaço escolar, e de quem nos avalia, no espaço acadêmico.

O espaço escolar, no entanto, acolhe os estagiários não como docentes, mas sobretudo com resquícios de discente. Estando nesse meio termo, o estagiário se vê com as mesmas responsabilidades de um profissional, mas não goza de seu posto e os privilégios que dele emanam; o reconhecimento da instituição, o salário, a hierarquia e a autoridade. Sem esses títulos, a experiência parece, se não teatral, ao menos limitada. Por ser o elo mais fraco, durante os meses em que se vivencia esse componente curricular, é normal que o estagiário enfrente uma série de situações que são particulares a este período; o desânimo pelo planejamento das aulas que se torna falho, seja na parte teórica ou prática; a autoridade deficitária em sala de aula, de onde decorre a indisciplina e o desinteresse, sobretudo dos estudantes; e, por fim, a responsabilidade descomunal, que obriga ao choque de disciplinas acadêmicas que sobrecarregam a rotina e o desempenho.

Assim, este trabalho tem por objetivo fornecer uma análise, por meio de um relato de estágio, das experiências e dificuldades vivenciadas no Componente Curricular Estágio Supervisionado III, com foco no Ensino fundamental II. Esperamos, com essa descrição, fornece material empírico para aqueles que se interessarem e, portanto, buscarem deduzir o meio e a forma como o estágio se dá, no espaço público de ensino.

METODOLOGIA

Este relato de estágio, um relato de experiência, desenvolvido tendo por base o Componente Curricular Estágio Supervisionado III, expõe o conjunto de experiências vividas em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II, no Colégio Municipal do Campo Rômulo Almeida, em Guanambi/BA. A metodologia adotada foi qualitativa, pois busca, a partir de um

material empírico analisado, em um espaço natural e sujeito participantes e coletas de dado, sistematizar o relato de algum fenômeno particular. Para Oliveira et Al (2020, p. 02): "uma pesquisa de natureza qualitativa busca dar respostas a questões muito particulares, específicas, que precisam de elucidações mais analíticas e descritivas".

Tendo por intuito analisar e descrever eventos e, de maneira geral, a completude da experiência de estágio em si, foi mister dividi-lo em partes, a dizer, mais específicas, como a postulado da teoria frente à realidade material encontrada; a idade e identidade dos alunos, diversos em si; a questão da autoridade e disciplina em sala e o espaço e meios que proporcionaram - ou não – a plena capacidade de lecionar do estagiário.

Assim, esse relato se dividirá em 4 partes: Da teoria vs prática; da diversidade dos alunos; da hierarquia; das condições materiais do espaço educacional e, por fim, as considerações finais. Para Antunes et all (2024, p. 03), em um relato de experiência, "se torna essencial a observação, descrição, compreensão e explicação para construir uma possível análise.". Desse modo, esperamos que os resultados alcançados aqui ofereçam uma nova e possível análise para esses eventos tão comuns da graduação, obrigatórios e irremediáveis. Sendo um ponto de vista não definitivo, mas diverso que, esperamos, possa agregar às responsabilidades dessa disciplina essencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DA TEORIA vs PRÁTICA

A dialética entre o que foi planejado e o que foi executado se apresenta de dois modos: primeiramente, se planeja o que sucederá, mas esse planejamento, a priori, não é puro – ele já se encontra carregado de outras práticas anteriores, que o modelaram. Por este motivo, o planejar é quase sempre um arriscar, que não possui cabo, e a teoria é o campo de testes da prática. Do segundo modo, sendo a teoria apenas um campo de testes, buscamos nela todas as possibilidades, mesmo aquelas que não pareçam se adequar à realidade material. Medimos até onde a teoria, que muitas vezes se revela numa gincana, numa atividade, em um momento cultural, será diluída e bem aceita no espaço prático, pelos alunos; cerceamos os limites; nem sempre tal atividade funcionará, por mais ideal que pareça e, a que parece menos suscetível, pode se encaixar, com surpresa, perfeitamente em sala de aula.

Do meu ponto de vista, como estagiário, o planejamento sempre se sucedeu às cegas. Desconhecendo a turma, foi somente na prática que pude identificar onde residia o êxito. Se tal aluno principiava a ser mais participativo, para ele é quem direciona as perguntas; se outro, tímido, guardava a resposta, propunha que respondesse de outra maneira. O nível dos alunos, evidentemente diferentes, se tratando de uma escola pública, foi um desafio. Certos alunos, por incapacidade ou vergonha, rejeitavam participar das mais divertidas propostas, enquanto os mais participativos impunham opinião sobre as coisas mais frívolas. O desnível se apresentava das atividades, onde uns, mais sagazes que os outros, talvez desestimulassem aqueles que estivessem mais atrás.

É comum que os professores, observando a diferença dos alunos, tentem adaptar as atividades para cada qual. Particularmente, no meu estágio, rejeitei essa acepção. Acreditando

fielmente na capacidade dos estudantes, devemos nivelar o estudo e o conhecimento sempre pelo topo, auxiliando os que possuem maior atraso. Desta maneira, todos os planos de aula foram pensados de maneira geral, sem distinguir em dificuldade as perguntas, as atividades e o material de apoio proposto, seja audiovisual ou em texto. À medida em que as semanas avançaram, pode-se fazer ajustes, tanto em relação aos temas identitários, que falaremos em outro tópico, como também na dinâmica das aulas em si.

Durante a dinâmica, seguiu-se a estratégia de contextualização: quando as produções literárias ou artísticas eram apresentadas ou lidas, passava-se muito tempo na discussão sobre essas, o que resultava em interesse da parte dos alunos, que compartilham as experiências e suas perspectivas sobre determinado assunto. Encerrada a discussão, a proposta da teórica era apresentada, sendo uma produção textual, uma resolução de atividades. As propostas, sempre igualitárias, possibilitavam analisar mais precisamente as afinidades que os alunos possuíam a respeito de um determinado tema, ou a maneira e velocidade com que se engajavam nas lições.

Dessa maneira, adaptando a cada aula o plano metodológico, a prática pode se tornar mais consistente, e os desafios, superados.

DA IDENTIDADE E IDADE DOS ALUNOS

Em muitas instituições, é comum a classificação das séries/anos por desempenho, de tal modo que, numa escala alfabética, cada ano diferenciado representa um nível de desenvolvimento. As turmas classificasaa como A e B costumam ser mais uniformes em capacidade intelectual, idade e conteúdo teórico estudado às C e D, que se tornam refúgio de alunos muitas vezes mais velhos, com dificuldade de aprendizagem ou repetentes.

Tendo por base essas generalizações, o estágio, ocorrido em uma turma de oitavo ano classificada como C, comprovou isto. A faixa etária dos alunos ia dos 12 aos 17, com níveis de alfabetização variados: alfabetizados, semianalfabetos e totalmente analfabetos. Nesses casos, a diversidade etária se tornava um problema, pois alunos mais velhos apresentavam piores desempenhos frente a alunos mais novos. A interação entre faixas etárias diversas nem sempre resulta em algo ruim; mas os alunos indisciplinados, mais velhos, acabavam por influenciar os mais novos, que nutriam um complexo de admiração e se criava, assim, bolhas de autoridade na sala de aula.

Em questão de Etnia, a turma apresentava mais de 80% dos alunos identificados como pardos, aos outros 20%, divididos em negros e brancos. A questão econômica era similar entre todos eles. Por ser uma escola classificada como do Campo, a nível Municipal, a origem dos estudantes era heterogeneamente a mesma, com a maior parte deles se valendo do transporte escolar, deixando a zona rural, para estudarem todos os dias. Essa particularidade empenhou que buscássemos trazer, nas aulas, temas mais relacionados ao espaço e atividades que muitos alunos e seus pais desempenhavam fora do ambiente escolar. Fora do ambiente escolar, muitos trabalhavam em cargas horárias de meio período, seja em casa, na propriedade familiar de familiares ou em empregos terceirizados.

O equilíbrio da turma na questão de gênero também foi um auxílio aos planejamentos, onde temas como o “trabalho” e “papéis sociais” foram discutidos em uma sala de aula onde

uma quantidade equivalente de meninos e meninas estudavam. Essa relação beneficiou diferentes pontos de vista, em suma.

DA AUTORIDADE

O estagiário, e isso pareceu claro durante nossa experiência de estágio, não goza dos mesmos privilégios e autoridade do professor titular da turma. Ao mesmo tempo que não somos vistos como professores plenos, também não somos alunos plenos, embora parte da indisciplina e rejeição à nossa autoridade, da parte deles, venha de algum resquício de identificação, pois a relação de idade aluno-estagiário é significativamente menor que a relação aluno-professor. Além da idade, outros elementos, de cunho biológico ou artificial, minam a sensação de controle durante as aulas; a altura e até mesmo gênero do estagiário pode influir na capacidade de empatia dos alunos, que enxergam aí, muitas vezes, fraquezas de autoridade que podem ser aproveitadas.

A maneira de se portar também influi na percepção. Ser permissivo demais, embora conquiste a turma, cria um aspecto de semelhança, o que incentiva o aluno a ser mais desrespeitoso e humorado. Ao mesmo tempo, a presença da professora titular em sala, mesmo quando se está em pleno período de regência, desvia o foco do estagiário, que deveria ser aquele que rege a turma; concedendo idas ao banheiro, chamando a atenção para si e mediando o ambiente.

Durante o estágio, enfrentamos problemas de indisciplina. A maior parte deles vinha de uma sensação de igualdade dos alunos perante o estagiário, que permitia que, muito deles, se sentissem livres para saírem dos seus lugares, conversarem demasiadamente ou até responderem, de maneira irônica, aos reclames do estagiário. Essa sensação igualitária provinha da diferença pequena de idade, do pleno conhecimento de que ali não se encontrava o professor titular e da constatação de impunidade, uma vez que a punição máxima não ultrapassaria uma expulsão da sala.

Ao mesmo tempo, pela maioria dos estudantes terem uma faixa etária de 13 a 15 anos, o tratamento não era o mesmo de um colega; a diferença de idade, embora pouca, criou uma atmosfera de distanciamento. Desse modo, os problemas de indisciplina se mostraram controlados, não varando muito do natural visto em alunos de mesma faixa etária.

O ESTÁGIO E AS CONDIÇÕES MATERIAIS

O estágio supervisionado se mostra eficiente em demonstrar, aos participantes, a realidade material das instituições de livre docência. Nas semanas de observação, toma-se nota da estrutura das salas; o tamanho do espaço, quão bem arejado é: as carteiras, lousas e tudo aquilo que a instituição escolar oferece de apoio. Toma-se nota, também, das opções tecnológicas que atenuem o planejamento teórico, como o acesso à internet, a disposição de telas para transmissão de conteúdo audiovisual, bem como dos gêneros de expediente (possibilidade de realizar impressões e se valer de materiais de escritório, no geral). A falta dessa condição material pode ser decisiva e influenciar no planejamento das aulas e no desempenho dos alunos.

Sendo uma escola considerada periférica dentro da própria cidade, o estágio realizado na instituição se mostrou desafiador, na maior parte do tempo, pela incapacidade municipal de fornecer condições necessárias para a docência. A ausência de uma rede ampla de internet dificultou o apoio de produções audiovisuais, bem como a falta de artigos de expediente para a formulação de exercícios e exames para a avaliação dos alunos. A carestia de impressões obrigou-nos a lecionar da velha maneira, utilizando a lousa e, lá, copiando as atividades.

Essas adversidades, no entanto, resultaram em benesses, pois preparam o estagiário para as mais diversas realidades, assim como o obriga, no planejamento e na metodologia, à criatividade e melhoram a forma com que se comunica, deixando de lado as tecnologias. Essa, porém, não é a realidade ideal, e a impressão que permanece é a de que o sistema educacional brasileiro ainda resiste à tecnologia e à modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos entender que todas as questões apresentadas ao decorrer do relato representaram não somente dificuldades e desafios, mas novas oportunidades de se desenvolver caminhos para que se possam superá-los. A experiência proporcionada pelo estágio se mostra um acesso antecipado do todo que enfrentaremos quando já profissionais, sobretudo na rede pública de educação.

O maniqueísmo entre teoria e prática se mostrou uma idealização; ao passar do relato, vimos como essa relação se apresenta mais de uma forma cíclica, com a teoria compensando os erros da prática e, essa mesma prática, influenciado na teoria, nos planos de aula, nos assuntos abordados, desde à literatura à mais pura gramática. A identidade e idade dos alunos se mostrou importante, uma vez que esses fatos representavam a maior diferença e "desigualdade" em sala de aula, que não conseguia manter uma uniformidade.

Vimos, também, como a questão da autoridade se mostrou volúvel, sendo o estagiário o elo mais frágil dessa dinâmica, que responde a autoridades maiores, mas que não é capaz, no momento da regência, de obter comando pleno, o que resulta na indisciplina dos alunos. As dificuldades materiais também se mostram uma adversidade, e, cabe a crítica, parece que o componente se delicia com essas inseguranças, enxergando mais valor na experiência, quanto pior e mais "crua" ela parecer.

Ao cabo, o processo formativo no estágio representa as contradições de um aluno que ainda não é plenamente professor, mas que assume essa responsabilidade para se lapidar na adversidade e sofrimento. Durante o estágio supervisionado, ficou mais evidente como é impossível que o educador o seja sem antes educar, passando ao papel inverso de primeiro educar para mais tarde aprender. Esperamos que este relato instigue e dê coragem a mais graduandos de licenciatura, para que também compartilhem suas experiências e enriqueçam o debate sobre o que pode ser mudado e melhorado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, J.; TORRES, C. M. G.; ALVES, F. C.; QUEIROZ, Z. F. de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, *[S. l.]*, v. 6, p. e12517, 2024. DOI: 10.47149/pemo.v6.e12517. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517. Acesso em: 24 jul. 2025..

OLIVEIRA, G. S.; CUNHA, A. M. O.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Grupo Focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, v.19, n.41, p.1-13, Monte Carmelo, MG, 2020.